

QUINTA-FEIRA
Lisboa--11 de Agosto-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

64

sempre

fixe

semanário
humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINA
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Ex.º Sr.
Kol de Alvarenga
Rua Brito Carneiro

“Sangre torera,”



SOCIEDADE
PROTECTORA
DOS
ANIMAIS

MENU
COELHO
CAÇADORA
BORRACHO
COM ERVILHAS
FRANGOS DE
FRICASSÉ
BIFES DO LOMBO
PERDIZ ESTURADA

UMA DIGESTÃO PERTURBADA

O valente espadá «Amaralita» entrou mesmo a «matar» na questão dos touros de morte. Os aficionados rejubiliaram e o «diestro» obtem grossa tauro... «maquia» para o cofre da Polícia





Os ditos da semana



A policia vai dar caça aos grosseiros que vexam as senhoras com dichotes inconvenientes. Já era tempo, mas só isso não basta. E' preciso pescar tambem para os calabouços do Governo Civil as senhoras varinas que largam palavrões e as varinas senhoras que não se vestem convenientemente.

Ofender os bons costumes não é só soltar exclamações mais ou menos povoadas de rr. A redução de um vestido de crepe Ninon, a extensão de um decote, aquele meio palmo de carne limpa que se disfruta á subida para os electricos, são ás vezes mais expressivos do que duas arrieiradas valentes disparadas ao voltar de uma esquina.

Quando uma mulher se despe no meio da rua não deve admirar-se de que lhe falem como se estivesse na meia luz de uma alcova duvidosa.

Se as mulheres se vestirem como senhoras, os malcriados calar-se-hão como verdadeiros *gentlemen*.

De contrario, Tantalos tem de desahafar.



A Aldeia dos Macacos foi muito visitada na semana passada. Pela concorrência, dir-se-hia que o Jardim Zoológico, macaqueando tanta gente que nasceu com vida e figura humana, instituiu tambem a Semana dos Macacos. Como nós que vestimos rabona e usamos chapéu de côco, não se esqueceu o Jardim Zoológico de aumentar a concorrência dos macacos e fez introduzir mais vinte monos no fosso de que o sr. Raul Lino foi o architecto e o sr. Emidio da Silva o povoador.

O atractivo deve ter sido rendoso para os cofres do Jardim, mas aos macacos saí-lhes do coiro.

A antiga colonia, mal entraram os novos habitantes, lançou-se a eles como Santiago aos mouros. A dentada fervia. Nem os rabos escaparam. De cá de cima, o publico gosava o espectáculo. Os macacos é que se mordiam mas os selvagens eram os espectadores que rejubilavam e aqueles que ordenaram a selvajaria de meter macacos de meses no meio de macacões de rabo pelado e furtacões.

A certa altura, um dos perseguidos, fazendo das tripas

coração, atirou-se da ponta dum pinheiro cá para fóra, para as arvores da aldeia dos macacos de chapéu de côco, que é como quem diz das arvores de fóra do fosso e lá foi á busca do sr. Emidio da Silva para lhe pedir contas da barbaridade.

E enquanto a scena decorria — autentica scena de circo romano — dois espectadores, pessoas graves e de bons sentimentos, creaturas piedosas que não gostam de ver solter uma formiga, iam-se deleitando com os guinchos e pinchos dos pobres macaquitos indefezos e manifestando, alto e bom som, a sua repugnancia pelos touros de morte, a que chamavam um espectáculo cruel.

Muito pode estar na moda qualquer assunto...

Se o publico quizesse, ter-se-hia ali organizado num

instante uma linda Semana dos Amigos do Jardim, que assim se chamam, e não Amigos dos Bichos, como parecia natural. Era só fechar os portões das Lorangeiras e abrir as jaulas das feras, deixando lá dentro os amigos do jardim. A scena devia ser igual á outra, com uma diferença apenas: não haveria mordeduras nos rabos por falta de materia prima. E então seriamos nós a rir.



Os prestamistas andam aflitos porque o Governo lhes proibiu a exploração do publico. No prego que eles tinham, tudo cabia, menos a moderação e os sentimentos de humanidade. Quando um freguês batia á porta para largar o sobretudo, já sabia

que lá ia deixar tambem a camisa. E se ia para pendurar a camisa, era certo levarem-lhe tambem a pele. Em troca de tantos valores, trazia o cliente duas cedulas amarradas que nem chegavam para mandar cantar um cego.

Isto dos prestamistas que levam tudo quanto a gente tem faz lembrar a ganancia dos barbeiros, que levam coiro e cabelo por cinco escudos, ficando ainda por cima com o cabelo. Mas desses, ao menos, defende-se o publico procurando os piores, que levam o coiro e deixam ficar o cabelo. Do mal o menos.



Este mundo anda ás avessas.

Já não bastava a chuva no verão e o calor no inverno para a gente desconhecer esta terra abençoada. Agora tambem andam ás avessas os sentimentos da humanidade.

A Sociedade Protectora dos Animais lançou o grito de revolta contra os touros de morte, mas foi vêr, sem protesto, a Aldeia dos Macacos, donde se conclue que só é cruel e deshumano picar os touros. A dentada, porém, é livre.

Mas, o mais curioso, é a alegria de certa gente porque na corrida de domingo foram colhidos dois toureiros. Por um sentimento de humanidade, que só essa gente conhece, acha-se bem que os conugetos, usando da ferramenta do officio, espetassem os toureiros. E', dizem eles, o castigo de Deus, quando nós supunhamos ser apenas a vingança dos bichos. Coisas que só as almas piedosas entendem...

Talvez o sr. Ferreira do Amaral pudesse pôr todos de acôrdo. Bastaria fazer as toureadas tambem ás avessas. Soltava-se o touro na praça e, a um toque de corneta, faziam-se entrar os toureiros, creando-se a nova arte de toureiros de morte. Cada qual faria o que pudesse e talvez assim se comovessem as humanitarias almas que não podem vêr matar um boi, desde que não tenham a certeza de que o vão comer em bifés de cebolada, no dia seguinte.

Assim resolvia-se tudo e quem quizesse ser touro que lhe vestisse a pele, se não tivesse outra maneira de o parecer, contrariando embora o épico, quando afirma que mais vale ser do que parecê-lo.

Dr. Carlos de Melo



Um nome que anda nos ouvidos, nariz e garganta de toda a gente. Os ouvidos «apuram-se» para o saudar, os narizes espirram calorosas homenagens e as gargantas soltam-lhe entusiasticos vivas

MAGAZINE

Os intelectuais

à sombra de Baccho

Ora aqui está uma ideia que não aouidiu áquela enorme cabeça que serve de «ex-libris» ás edições de Pierre Lafete e que aparece com muita frequência no *Je sais tout*: «Saber como falam os intelectuais debaixo da pinga». Nem se lembrou o *Je sais tout* nem o sr. Forjas de Sampaio, que já teve a ideia de nos dizer como fumam os nossos escritores. Pois o que estas duas cabeças não se lembraram, ocorreu a um redactor do *Sempre Fixe*. Ao fim de laboriosas investigações pelas bibliotecas e capelinhas onde se arquivam garrafas poirentas que honram as tradições vinícolas do nosso país, conseguimos saber que alguns dos nossos intelectuais, quando pedem a Baccho um fulgor de inspiração, chegam a ser... divinos.

O poeta Silva Passos torna-se mais romantico. Nesses momentos, aneia por uma casa branca, oferece lirios e recita que lhe caia o monoculo. Traduz os grandes classicos em galego e procura nas suas reminiscencias de Africa poetas ignorados, de que nos dá alguns versos em bundo.

Silva Tavares sonha com um rapto de burro, levando á garupa uma lavadeira, que escondera num palacete decorado por Jorge Barradas. O burro metê-lo-hia numa garage, para escocinhar o progresso, e ele, com a lavadeira, proclamam em quadras as nobres tradições de Portugal.

Mario Domingues torna-se pessimista. Faz esforços prodigiosos para se equilibrar e exclama, a proposito de tudo: «A vida é uma coisa negra. Vejo o futuro dos povos muito negro.»

Ivo de Monforte evoca as musas, prefere as praias e supõe-se D'Artagnan: «Gosto de coisas espumosas. O pior é que a espuma das ondas entonete-me. Do vinho não é com certeza»...

Stuart Carvalhais é tragico, offmanico. Fala na Morgue, no Manicomio, e conta-nos historias sinistras, em que aparecem animais hediondos. «Eu ainda hei de fazer uma fita animatografica que ha de dar que falar. Passar-se-ha em Alfama e nas cercanias da Serra do Monsanto. O drama tenebroso das alfurjas. Tenho um numero para mendigos servirem de figurantes. Cinco corôas a cada um para posar um quarto de hora. A reunião seria ali num certo sitio. Apareciam todos. Era uma parada de mendigos, mulheres de figuras vestidas, côxas, andrajosas... Depois eu fazia uma caricatura muito pandega, dava-se a massa aos homens e era vêr tudo aquilo em marcha, a ri... a ri...»

Felix Corroia acalenta um velho sonho: meter um par de ferros curtos, de aeroplano. E' perigoso quando o sonho de Baccho o apanha num «sol», com Cañero a tourear. Quer á viva força ser moço forçado.

Belo Redondo dá bons conselhos e não se cansa de brindar. Só bebe «champagne». Tem um andar e uns modos de secretario geral.

Antonio Carneiro parece um revisor. Faz cortes... nos copos. «Ma's um, mas cortado».

Aprigio Mafra faz madrigais a torto e a direito.

Mario Salgueiro toma todas as atitudes de um professor de dança e chega tambem a marcar lindos passes de minuete.

O dr. Alvaro Maia não é formado. Não tem aquela corôa de louros que consagra o fiel devoto de Baccho, mas quando bebe é um lirico, verdadeiro Romeu. A' falta de cordas, marinha pelas paredes e faz muitas festas aos gatos vagabundos.

E aqui tem V. Ex.ª como são os nossos intelectuais quando o vinho faz fermentar as ideias com maior intensidade. E' possivel que algum deles venha pedir rectificações porque, quando eles estão assim... não se lembram do que dizem nem do que fazem.

Tomás Xavier

O HOMEM DOS PASTEIS FATIDICOS

Uma pensão a que nem sequer faltam os comensais.—Lisboa.—Actualidade.

Tomás Xavier, 35 anos. Admira as mulheres e deseja que elas o admirem o menos platonicamente possivel.

O confidente, 30 anos. Pessoa extremamente indiscreta, isto é, pessoa que não compromete a reputação dos confidentes...

Ursalina Sousa, 25 anos. Debuta nos teatros, com grande agrado dela e grande desgosto de sua familia.

SCENA I (meio dia de sexta-feira)

O confidente e Tomás

Tomás:—Conheces aquela rapariga que estava ali defronte, chamada Ursalina de Sousa e que entra nas intimidades do adulterio?

O confidente (muito distraido):—Nem sei como e chama, nem o que ela faz...

Tomás:—Lembras-te dos «Caprichos Indianos»?

O confidente (que nunca ouviu falar nos «Caprichos Indianos»):—Lembro-me perfeitamente.

Tomás (entusiasmado):—Entrava no primeiro acto...

O confidente:—Que fazia ela?

Tomás:—A porna de trás do elefante macho. No segundo acto fazia a 5.ª dama inglesa que, ao deparar com o rajah e dansar o «Charleston», dizia:—Ah!

O confidente (aborrecidissimo):—E no terceiro que figura fazia?

Tomás:—A de urso. Ao vêr entrar o urso—o acto passa-se pertinho do solo—fazia:—Eh!

O confidente:—Oh! E' o que se chama uma actriz de poucas palavras.

Tomás:—Mas, aqui, na pensão, falta pelos cotovelos. Ela tem um quarto para alugar, o que é excelente pretexto para eu me aventurar. E como é muito gulosa, para lhe fazer a «bôca doce», levo-lhe meia duzia de pasteis. O caso vai dar que falar.

O confidente:—Estou disso absolutamente convencido...

SCENA II (meio dia do sabado seguinte)

Ursalina e o confidente

Ursalina:—O meu amigo é a criatura mais ridicula e malcriada que tenho conhecido.

O confidente (que tambem o é da Ursalina):—Que aconteceu?

Ursalina:—Foi a minha casa com o pretexto de me alugar o quarto. Depois de me cumprimentar, ofereceu-me um embrulhinho de pasteis. «E' para comermos os dois»—disse ele, piscando os olhos e convidando-se. «Talvez coma mais alguma coisa», pensei eu, já desconfiada. Mostrei-lhe o quarto e ele mostrou, esgadamente, a intenção que o levava a minha casa. Para castigar a sua insolencia, disse-lhe no tom mais meigo: «Sr. Tomás, venha á casa de jantar para comermos os pasteis». A proposta agradou-lhe até deparar com o meu rapaz, um sujeito de idade que me é muito dedicado, e com o meu cologa que fazia de urso nos «Caprichos Indianos». Perturbou-se a ponto de me chamar urso em vez de Ursalina. O meu cologa chamou-lhe urso e começaram ambos ao despique:

«—Urso é você.

«—Sou, mas no teatro.

«—Aqui tambem.

«—Não, aqui é você o urso.

Era, não era e foram duas bofetadas no Tomás, que só se foi embora depois de esmurrado e de ficar com o casaco em tiras. Que féral!

O confidente:—Quem, o urso?

Ursalina:—Não, o Tomás.

O confidente:—Bem dizia o Tomás que o caso havia de ser falado. E ele que contava com os pasteis para lhe fazer a bôca doce...

Ursalina:—E fez... Pena serem só meia duzia. Então eu não merecia, pelo menos, uma duzia?

O confidente:—Merecia. Mas o meu amigo está habituado, ha bastantes anos, a apanhar uma sova em troca de meia duzia de pasteis. E, como é muito economico, só compra os indispensaveis.

Ursalina:—Mas o senhor guarda segredo...

O confidente:—Só conto ás pessoas das minhas relações, pessoas muito discretas que não vão divulgar a historia.

Ursalina (ironica):—D'scretas como o senhor?

O confidente (com sinceridade):—Exactamente. São mesmo as unicas a quem confio um segredo...

Dr. Boticas.

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



—Caramba, D. Roberto. O senhor, tão sério e tão austero, anda na praia vendo as banhistas?

—Não, senhor. Venho fazer estudos do terreno para um raid que projecto sobre o Atlantico.



—Que tempos estes! Imagino que a minha criada, que ainda não fez dezasete anos, já tem relações com um aviador...

—Que pouca vergonha. E pensar a gente que nos nossos tempos nem sequer aviadores havia!



—Porque diz você que o medico é estúpido?

—Porque me coseu com linha branca...



—Ah! não pezo mais de 23 quilos!
—Não sei quantos quilos querias tu por dois tostões.



—Ha já dois dias que eu e minha mãe dormimos na rua...
—Diz á tua mãe que lhe alugo um primeiro andar por 600\$00.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

MAIS uma vez o empresario Antonio Macedo, sacrificando-se pela arte e pelo teatro, parte para o Brasil com uma *semi-companhia* de revista.

Além dos nossos desejos de boa viagem, com o competente livro de cheques recheado na volta, pedimos ao conhecido empresario que não se faça acompanhar por nenhum amigo... do diabo.

O leite e o café nem sempre combinam bem...

■ ■ ■

O Variedades andou em almoda. Houve quem lhe quizesse justificar o titulo, metendo lá dentro peluculas e numeros de *cabaret*.

O pior eram os encargos dos empresarios.

Sempre ha cada um! Até os ha honorarios!...

■ ■ ■

ALVES da Cinha é um actor imortal. O unico que se pode adjectivar com tal grandeza.

Porquê?

Porque representa a *Morte Civil* em todas as terras!

■ ■ ■

CARLOS Leal faz de padre na *Aldeia dos Macacos*.

Leal, amigo! Aproveita a occasião do teu cristianissimo papel e perdõa aos nossos inimigos, assim como perdõamos aos nossos *acvedores*.

E' um gesto!

■ ■ ■

AS revistas do Maria Vitoria teem sempre varios titulos á escolha do freguês. A que se anuncia já foi baptizada, antes de nascer, com dois titulos: *Viva da Costa!* e *Olé!* O grito taumaturgico da impressão de que vamos ter uma boa corrida!

■ ■ ■

O elogio da *claque* ainda está por

RAPAZIADAS



Hortense Luz, Antonio Gomes (da Trindade) e Sofia Santos, que ensinaram o Rosa Mateus a ensaiar a «Maria Rapaz»

fazer. Sobretudo quando ela, no fim do 80 e tantas representações duma peça, triza um numero por encomenda.

Benza-nos Deus! Quando ha talentos, esses *trucs* são desnecessarios! Desnecessarios e contraproducentes, por-

que sempre se sabe como foram arranjados!

ANUNCIA-SE, no Nacional, a representação dos *Irmãos Unidos*.

Aquele teatro serve para tudo. Até para *restaurant!*

DIZ-SE que a companhia Lucilia Simões-Erico Braga é uma agencia de matrimonios. A ser assim, é bom que os nossos autores escrevam, antes de qualquer divorcio ou arrependimento, uma peça intitulada *Tudo em familia!*

■ ■ ■

O José Climaco está cada vez mais Ravachol. Aproveita as suas ferias de empresario para criticar tudo e todos.

Gostamos da sinceridade. O pior é o regresso á lide. Pode ser que o cavaleiro não se possa segurar bem nos estribos, quando fôr a corrida dos *Touros de Morte!*...

■ ■ ■

O Robles Morteiro é um bom amigo. Resolveu ceder os contratos que havia firmado na provincia, para uma *turnée*, ao seu colega Mondonça do Carvalho.

Foi menos um suadoiro artistico, que lhe permitiu ir para Entre-os-Rios refrescar a memoria e as ultimas modas de verão...

■ ■ ■

ESTER Leal representou até ao fim o seu papel de varina rica, filha dum penhorista, nascida na Madragão.

Antes de ir para Madrid, entregou generosamente aos pobres do *Diario de Lisboa* com escudos, isto é 1 0/0 da multa que devia receber.

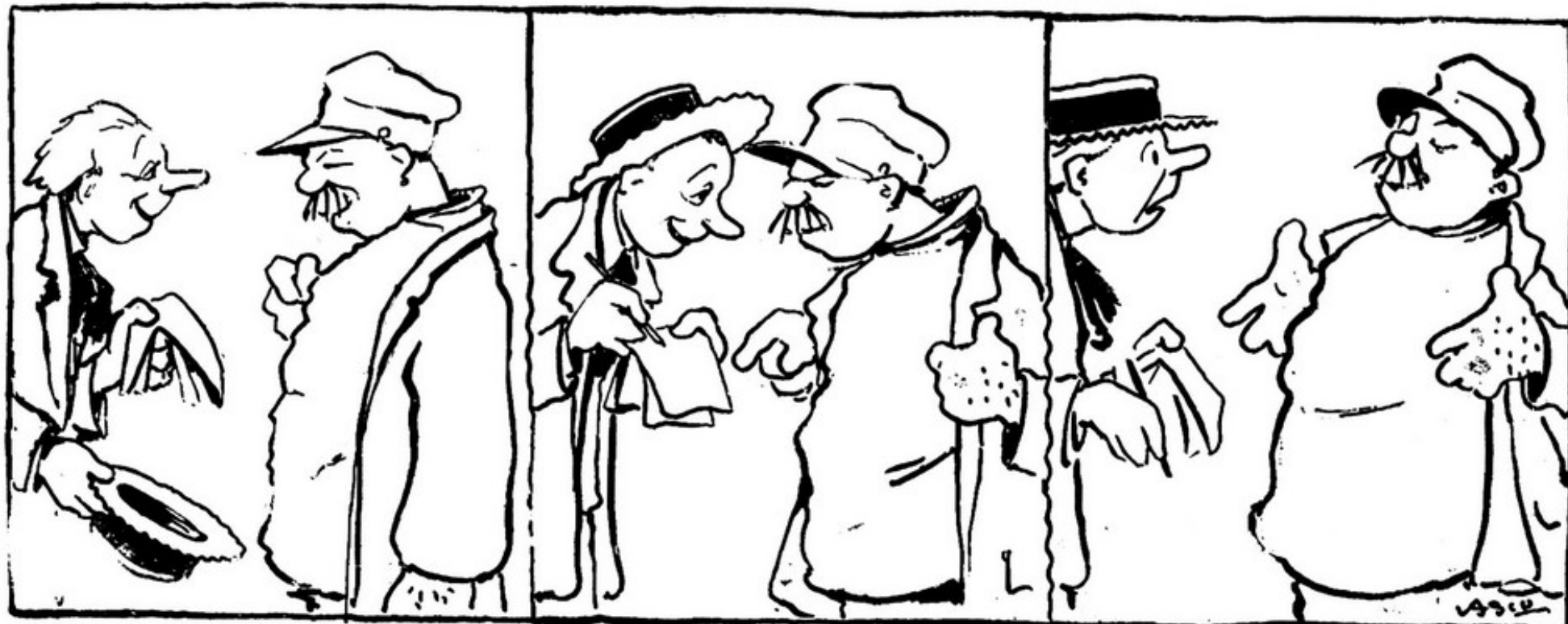
O pior era a carta. O perdão tinha muito vinagre...

■ ■ ■

APARECE brevemente, na linha de Cascais, o actor Mario Campos a fazer variedades.

Cuidado com as mudanças de nivel! Quando um cidadão mal se precata, tem desastre pela certa...

O Homem das 5 horas



— E' então o cavalheiro o celebre inventor da volta ao mundo em chata a remos, o «grande aventureiro»?

— Sim, meu caro amigo, esta invenção é interessantissima sob o ponto economico...

— Conto estabelecer carreiras barattissimas, e assim daremos um «crac» nas Companhias de navegação!...



O percevejo previdente

Um viajante entrou um dia num hotel, seguido do moço que lhe transportava a bagagem, e pediu alojamento. Solícito, o porteiro, desfazendo-se em mesuras, apresentou-lhe um grande livro — o livro das entradas dos hóspedes — todo riscado a preceito de lado a lado, com colunas alinhadas, encimadas pelos disticos: nome, profissão, naturalidade, procedência, etc., convidando-o a declinar a sua identidade e a inscrever-se, ele proprio, com todos os seus titulos, naquele imenso cartapacio. O homem pegou na pena e foi preenchendo todas aquelas exigencias.

Na ultima columna, ao fim da pagina, em grandes algarismos, lia-se o numero 40, que tal era o quarto que lhe destinavam.

Entretanto, o porteiro ia desfian-do mecanicamente toda a imensa lista das excelencias do hotel, desde o serviço de mesa até o aceio dos quartos, da cosinha e mais dependencias.

E quando o novo hospede terminava a tarefa e os *grooms* já se tinham postado junto das malas para o necessario e immediato transporte para o quarto, ante os olhos pavidos de espanto do viajante, desonrou-se uma scena que o fez estremecer até á medula. Um enorme percevejo subira pelo rebordo das folhas e, a passos lentos mas seguros, voltara para cima da folha, atravessara a margem em branco e fôra parar sobre o numero do quarto.

Estarrecido, o viajante ordenou ao moço que lhe conduzira as malas:

—Oh! rapaz, torna a pegar nas malas e vamo-nos embora... Não quero aqui ficar.

Espantado com uma resolução tão intempestiva, o porteiro, que não tinha dado por nada ou, se dera, não se tinha admirado, inquiriu:

—Mas porque se vai V. Ex.^a embora? Houve alguma coisa que lhe desagradasse? Queira V. Ex.^a explicar-se e tudo se remediará.

—Não, senhor, não fico.
—Mas diga V. Ex.^a porquê.
—Não vale a pena.

—Perdão, insistiu ainda o porteiro, era uma fineza que eu pedia a V. Ex.^a; diga-me porque se retira.

Apontando para o percevejo, o viajante explicou com certo nervosismo:

—Por isto. Eu já tenho estado nalguns hotéis pouco aceiados, onde os hóspedes recebem visitas nocturnas destes insectos, mas é a primeira vez que me acontece vir o percevejo vêr o numero do quarto onde a gente se aloja para nos ir apouquentar de noite. Não, eu vou-me já embora.



—Aonde vai aquele «Papo-Séco»?
—Vai chamar o Herbert Dias ao Modern Office para arranjar a maquina de escrever, pois é o unico que concerta com a maxima rapidez e competencia.

A NOVELA DO "FIXE"

A chuva providencial

São bem conhecidas dos meus bons amigos e caros leitores as varias especies de chuvas artificiais, tais como a *chuva de prata* e a *chuva de ouro* (sem piada ao novo emprestimo), cujos mijaretos são o encanto do Zé boquiaberto, durante as festas dos santos populares, mas *chuva de vinho* só seria possível se os depositos do Poço do Bispo estivessem a uma repetivel altura e se se arrombassem, caso impossível, visto que os ditos depositos são subterraneos...

Este caso veridico (porque tudo quanto eu escrevo, aconteceu) passou-se no ano passado.

Vamos ao caso:

Habita num rez-do-chão da rua da Madalena um casal ao qual o Creador decretou a lei seca. Nem um nem outro gostam de vinho.

No andar superior morava um outro casal, cuja dona da casa se esfalfava durante o dia para o perfeito equilibrio do seu *ménage*, e o dono da casa fazia exercicios de maromba com o seu trabalho quotidiano para a boa marcha do dito *ménage*. Saía de manhã e voltava á noite, estafado do seu arduo trabalho.

Os vizinhos de baixo, tipos socegados, aguentavam de noite, quando queriam repousar, com as passadas de botas ferradas do vizinho de cima e com o demais movimento... Numa palavra... Os de cima eram maus vizinhos...

Com as intermitencias da circulação do sangue do sr. Carlos Pereira, *contadoramente falando*, os de cima deixaram a torneira da agua aberta. De madrugada chegou a agua e aquilo—Santo Deus!—era como uma represa do Alviela com sumidoiro para os vizinhos de baixo.

Houve a azafama costumada, em que o *pano da casa* foi o salvador da situação.

—Esta gente é impossível! A mulher é uma descuidada e o marido é um bebedor!—dizia a vizinha de baixo para o marido.

—Eu não sei como ele pode andar sempre enfrascado!

—Deus seja louvado, que me deu um marido como tu, que nem sequer o prova, e eu—*pfu!*—nem o posso cheirar. Não ha bebida melhor do que a agua!

—Isso, conforme...—dizia o marido.—Tu andas fraca e o medico já te disse que, se pudesses fazer o sacrificio de beber um copo pequeno, ás refeições, isso só te faria bem.

—O' filho, que queres?... Não gosto, mas descansa que eu, um dia, resolvo-me... Ha de ser a pouco e pouco e, uma vez habituada, nada me custará.

Depois deste colloquio, deitaram-se...

Os vizinhos de cima tinham festa em casa. Os de baixo dormiam a sono solto na cama de casados, no seu

quarto, que correspondia á casa de jantar dos vizinhos de cima, aonde havia brodio valente. Um pipó de quinto do «Torreano» jazia a um canto da sala. Muitas saudes se fizeram e a cada saude o dono da casa abria o pichel.

Em baixo dormia tranquilamente o casal, como disse. Ele sonhava com as melhoras da anemica esposa. Sonhava que ela já se resolvera a seguir a receita do medico, isto é a beber o seu copinho confortador.

De repente, a mulher acorda e diz de si para si: «Que gosto horrroso que se me pôs na bôca, meu Deus!» O marido acordou sobressaltado, acendeu a luz e diz-lhe:

—O que tens, minha filha?

—Tenho um pessimo gosto na bôca... Pfu!...

Nisto, o esposo dá um grito.

—Sanguel!—dis ele.

—Sanguel!—dis ela.—Estou perdida!...

—Ih, tanto sanguel! Até nas almo-fadas, nos lençois e na coberta!

—Vou morrer!—dis ele.

Por sobre a cabeça do marido caía um fio de um liquido avermelhado.

—Tu, tambem...—dis ela.—Estás ferido!... Tens sangue na cabeça.

—Qual ferido, qual diabo! Isto é vinho!—dis ele, a lambor os beiços, e vora cá de cima...

E, sem tir-te nem guar-te, enfiou as calças e, escada acima, bateu á porta do vizinho que, estremunhado da enorme bebedeira que tinha, veio abrir a porta.

—Está a chover vinho lá em baixo, seu bebedor!

E o caso é que, depois de uns insultos mutuos, verificou-se que o vizinho de cima tinha deixado o pichel aberto.

Desde então nunca mais se falaram.

Passados meses, as melhoras da esposa acentuavam-se. Já bebia sem dificuldade o seu copo do divino tonico reconstituente que o medico lhe receitara.

—Afim de contas, disse o marido, eu nunca mais falei ao vizinho cá de cima, quando temos razões de sobra para lhe sermos até muito reconhecidos.

—Porquê?—diz-lhe a mulher.

—Porque, se não fosse aquela chuva de vinho providencial, a estas horas ainda tu não estarias curada. Provaste... gostaste... Ainda bem!...

E hoje, todos amigos, embebedam-se juntos, bendizendo a hora em que o pichel do barril ficou aberto, o verdadeiro reconstituente do sangue anemico da vizinha de baixo, a qual, em face do resultado obtido nesta estação calmosa, está fazendo uma cura d'aguas... no Poço do Bispo.

José Barbosa.

PROSA DE CHA VELHO

Uma corrida landeza

O cronista não tem dado noticia das ultimas corridas do Campo Pequeno por aquilo de que «com coisas sérias não se brinca». Sim, porque a coisa agora vai a sério!

A de domingo ultimo é que teve, por vezes, um aspecto comico que cabe nas columnas do *Sempre Fixe*.

Os senhores já viram uma corrida landeza? Pois o sr. F. do A. viu, certamente, e com as reminiscencias fabricou um «inventor» destinado a tornar possíveis em Portugal os impossiveis picadores.

Nas corridas landezas, quasi dester-radas mesmo ao sul da França, saem uns «váscos» vestidos de branco e com alpercatas, tal qual como os nossos banhistas «papos-sêcos» e apenas com a nota regional da boina vasca.

Entretem-se estes banhistas, sem conseguirem entreter ninguem, em passarem pela cara das inofensivas vacas francesas, conseguindo, á força de recortes, cortarem as cordas que amarraram a «cocard» ás caprichosas armações. E a «cocard», que representa um quantum metalico, aumentado por ofertas de espectadores de boa vontade, passa para as mãos do «razeteur».

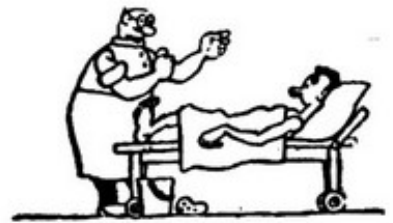
Os bichos acabam por saber latim, aprendido nos recortes repetidos que ensinam mais que um lonte de Coimbra.

Pois foi esta leria, que o cronista viu desinteressar mesmo em Paris, que nos quizeram impingir na «festa» que agora se inicia com seriedade. Resultado foi vermos dois touros embolados, que se tornaram difficilimos pelo «inventor» e um terceiro que foi para o outro mundo vestido com os bolinhas que lhe puzeram.

Isto de ser Colombo tauromaquico tem as suas espinhas! «Vamos homens!»...

Perez la chaise.

ESTATISTICA



—Oh! doutor, e eu salvar-me-hei?



—Infalivelmente. Esta operação dá optimo resultado uma vez em cada cem...



...E o senhor é o centesimo que eu optro. Os primeiros noventa e nove morream todos.

!! Não queira ficar assim !!

USE A **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8800

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.^a

R. dos Fanqueiros, 84. 1.^o D. Lisboa



CANÇÃO NACIONAL

Caldas da Rainha

Mote

*Sob um sol lindo e doirado
pendem festões e grinaldas,
do matiz mais variado,
na real vila das Caldas.*

Glosas

Sentindo do povo o mal,
Dona Leonor de Bragança,
por carinhosa lembrança,
deu á vila um hospital.
Esse enorme gesto real,
na historia inequalado,
não o esqueço o desgraçado
que hoje sofre e o bem diz,
por isso a vila é feliz
sob um sol lindo e doirado.

Das gredas tão afamadas,
fez o Enorme Bordalo,
com o barro e a medalá-lo,
figurinhas delicadas.
Nas vinhas abonçoadas,
nas encostas e nas faldas,
as cepas são esmeraldas,
as uvas rubis garridos,
o dos arbustos floridos
pendem festões e grinaldas.

Tem a sua tradição
nas conchas assucaradas,
saborosas e afamadas,
dos gulosos tentação.
Quasi perturba a razão
o ambiente perfumado,
de essencias tão concentrado
p'los frutos dos seus pomares.
Não ha outras similares,
de matiz mais variado.

Das Caldas ha o remedio
p'ra quem se veja no aperto
de julgar-se sem concerto
por cair-lhe em cima um predio.
Tem o comico intermedio
das mais duvidosas baldas
como mal lavadas fraldas
p'r'um che'rinho problematico...
E' o das aguas p'r'ó reumatico
na real vila das Caldas.

José Barbosa.

GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da

A unica que possui melhores acomodações
a preços reduzidos

Venda de oleos, gasolina
e accessorios

Officinas para todas as reparações

Rua Visconde de Santarem, G. G. U.

(ao Auco do Cego) Tel. 994 N.

Musica em comprimidos

No dia em que a ongraçada Bibi fazia 9 anos, os pais deram-lhe um gramofone. Escutava as vozes dos cantores com atenção e proposito proprios de gente grande, mas no seu pequenino cerebro uma interrogação existia.

Como seria que numa caixa podiam viver tenores, baritonos, sopranos? E o mais extraordinario era que não lhes davam de comer!

Um dia, os pais saíram e Bibi tomou a resolução de decifrar o enigma.

Hudindo a vigilancia das criadas, dirigiu-se á Rua Nova do Almada, n.º 97 e 99, onde o gramofone tinha sido comprado. Por acaso, o Valentim de Carvalho estava á porta. A petiza perguntou-lhe:

—Faz favor de me dizer se as vozes dos cantores são em comprimidos, como aqueles de Aspirina?

O Valentim de Carvalho riu-se muito da ingenuidade da peçona, deu-lhe todas as explicações e ainda por cima ofereceu-lhe um disco ongraçadissimo, que fez rir e pular de contentamento a Bibi

Fitas faladas

A soara cinematografica nacional fertiliza dum modo prometedor. Nas ultimas semanas, além dos documentarios da lei, registaram-se mais três policulas portuguesas: *O Desconhecido*, *O Dó de Peito* e *O Taxi N.º 9297*. Houve quem estranhasse não nos termos referido ás duas primeiras mas, francamente, não quizemos desvendar, indiscretamente, a identidade do primeiro e a fita do Romão causou-nos tanto dó... de peito que não valia a pena habilitar-nos a receber alguma mimosa missiva do sr. Fernandes Tomás ou acólitos. Ainda se eu me ramificasse na copada arvore genealogica do meu colega do *Seculo*, sacava do braço e tonitroava:—Ora alimpe-se lá a esse pergaminhol... Mas os meus avoengos, da Casa da Guarda, Duques de Copas e Senhores de Seu-Nariz iam nos arames farpados.

Não quiz, porém, deixar de ir ao Olympia. Vim de lá com uma desilusão e uma pulga, sem saber o que nava de fazer á minha vida. Isto de afrontar impunemente a opinião publica não é tam facil como parece. Ora metamo-mo-nos no *Taxi*. Se eu não disser nada—tenho medo; se eu disser que é mau,—sou anti-patriota; se eu disser que é bom,—são capazes de dizer que eu não percobo nada do cinema... Mas a verdade é que quem tem papas na lingua não vai a Roma.

Aquella parte—sem duplo sentido—que numa critica cinegrafica se destina a apreciar um filme sob o ponto de vista puramente tecnico—fotografia, angulos, iluminação, tintagem, interiores, exteriores, artificios, atracções, detalhes, etc.,—não é, decididamente, *fitogenica*, pois é bastante feliz para uma policula de sete partes e meia realizada em vinte dias (*record de Portugal*).

No *segundo tercio*—a nossa prosa, ainda mais retorcida que a do colega *Perez la chaise*, permite esta metáfora—om que urge apreciar o argumento, o recorte, as legendas, também não ha muito mal a dizer.

Mas a interpretação, felizmente... para o encravadissimo cronista é, incontestavelmente inferior. Andam todos muito comprometidos... com o successo, a meditar na triste graça dum mortal bem-constituído possuir duas mãos e alguns pés, que têm que representar como uns catitas.

A Henrique d. Albuquerque aconsolhar-lhe-iamos, se fossemos a tempo, a esquecer-se do palco e a fumar um bocadinho menos. Faz mal aos brônquios, custa um dinheirão e os más linguas podem dizer que é para mascarar uma pobreza de recursos lamentavel, o que sabemos ser injusto. Quasi todos os outros pecam pelo mesmo mal mas, para esses lados, as más linguas devem poder falar. O tenente Hair, Alves da Costa, a quem já chamam o Fairbanks da Costa, parece-se tanto com um americano como eu, modestia á parte, me pareço com um borquimano. Fala correctamente o português, mas lá isso podia ter aprendido com o avô. M.ª Eva Alves da Costa é incapaz de matar uma môsa e muito menos o Albuquerque, que toda a vida foi boa pessoa. A D. Maria Emilia de Montevorde vê-se azul para descalçar a bota da Raquel Castelo Branco, principiando logo por

marchar desta para melhor. Só volta a aparecer pela setima parte, a fim de explicar ao espectador que, se não apareceu nas partes intermedias, não foi por falta de boa-vontade.

O Arsenio Amôres arranhou um laçarote e um par de calças que estão mesmo a dizer:—Isto é que eu sou um boémio de alto lá com ele!

O D. Alvaro Guimarães está convencido de que não ha nada mais fotogenico do que fazer caretas. O D. Alfonso Silva fala espanhol na perfeição. A D. Isabel de Sousa deu-nos uma catatua muito parecida com a D. Antonia Rodrigues. Horacio de Miranda tentou implantar de novo, sem successo. E se eu agora disser que também entra um personagem chamado Guilherme Denis que é tal qual o Roberto Fernandes, creio que não ha nenhum interprete que se queixe do nosso silencio a seu respeito.

Reporter X não podia fazer milagres. Além do cinema ser uma arte para milionarios, incompativel, portanto, com a pol'ntrica lusitana a que devemos todas as nossas tradições, imaginar, escrever, recortar, realizar, encenar e distribuir é muita coisa para um homem só. Quanto a isso, o esforço de Reinako Ferreira mereceu toda a indulgencia... e todos os elogios.

E agora, para não desanimar o leitor com tanta insipidez, vamos lá fazer uma digressãozinha até á estranjería. Com o pessoal de Hollywood estou eu bem.

* * *

O Livoli exhibe *O Violinista de Florença*, que não tem nada que ver com o Nicolino Milano. Os personagens são:

Renata, joven androgina a cargo de Elisabeth Bergner, artista nata e renata para o cinema; o pai de Renata, isto é: Conrad Veidt ao natural, som mólho de *vilão* (é caso para dizer:—Conrad, veidt... deapir!); a madrastra de Renata que, afinal, é Nora... Gregor, em segunda mão, da mão do pai de Renata, que é, evidentemente, avô de Renata; o Pintor de Renata, Walter Rilla, comparsa na *Tipica N.º 13* da Ofélia Maria Luiza Liliano Lebre Carré Damita da Costa; a Mana do Pintor de Renata; o Cão de Renata e mais uma data de Condiscipulos de Renata, a Directora de Renata, os Companheiros de Viagem de Renata, o Garçó que empresta o fato a Renata, os Policias que exigem o passaporte de Renata... Livra!

Mas a fotografia é estupenda... de Ufa!

O Deserto Branco vem muito a proposito no verão, pois a accção decorre toda no Colorado, entre neve, nevoeiro e nevralgias. Claire Wiksior, Pat O'Malley, Robert Frazer, Frank Currier, Snits Edwards e Sojin conseguem escapar á mortandade provocada pelas explosões, avalanches, tempestades e outras calamidades que aqolam as seis partes do filme da Gaumont-Metro-Goldwin.

E, embora pareça impossivel, acabou a minha cronica que, como muito bom dis o meu querido e seringadissimo leitor, foi uma *fita*... em séries.

Retardador.

CANÇÃO NACIONAL

TOIROS DE MORTE

Mote

*Pela terra portuguesa
já ha toiradas reais.
A festa encheu-se de côr
e até o sol brilha mais.*

Glosas

A tourada ia morrendo,
sem emoção nem beleza,
em tardes cheias de onfado
pela terra portuguesa.

Até que um dia surgiu,
um que, não podendo mais,
fos terminar a comedia:
já ha toiradas reais.

Com o perigo e a valentia
do elegante matador,
entusiasmou-se a aficion,
a festa encheu-se de côr.

Podem talvez protestar
alguns dos tristes mortais,
Mas ha vida e alegria
e até o sol brilha mais.

Improvisador.

VESTIR BEM

Farrobo, rei que foi da Elegancia
e a quem a Natureza deu defeitos,
aparte do talento os grandes feitos,
o bem vestir dobrou-lhe a importancia,

Entre a riqueza o dom em exuberancia
dos trajos, nos Sorões, arqueavam peitos
e, dum chumaço, d'homens imperfeitos,
saíam feminis amor's em ancia.

Dos tempos que lá vão ainda é o côrto
dos mestres afamados a maneira
d'impôr, num homem, linhas de bom porte.

Assim veste Lisboa toda inteira
da casa que é de todas a mais forte,
mais chic e sem rival—Pinto & Silveira.

Reporter B.

Pinto & Silveira

ULTIMOS MODELOS

Atalafes para homens e senhoras

145—Rua do Ouro—149

A ALPATARIA MAIS ELEGANTE DE LISBOA

Sortes grandes?

só o PINA as vendas

75—Rua de S. Paulo—77



— Diz o sr. Ferreira do Amaral que o alcool torna a gente em macaco, leão e porco. Eu então, em bebendo, sou uma pantera.



—Agora entro em qualquer revolução...
—Como fiel ou como revoltoso?
—Como suicida...



As corridas da Curia

UM AUTOMOVEL DO SECULO XVIII

Após uma serie de jornadas, terminou a assembleia geral da Associação de Foot-ball de Lisboa.

Conforme o habito, registou-se a victoria total da lista apresentada pelos clubes.

Os nomes mais votados foram os de dois directores a reeleger:—presidente Bernardino Placido Machado de Sousa e tesoureiro Alvaro Brito Ratomosa Camacho.

* * *

Na assembleia geral do Sporting representou-se a peça de grande espectáculo «O Julgamento de Robespierre».

Infelizmente, a companhia estava longe de corresponder á grandesa do tema. O acusador que mais se evidenciou foi o sr. Mario Pistachini, que se apresentou a capricho no papel de *Mazimus Honestissimus*.

Julio Robespierre de Araujo pode dizer, como certas senhoras:

«—Os homens são terríveis... Logo que uma mulher comete a primeira falta cáem-lhe todos em cima...»

* * *

O celebre aviador americano comandante Byrd foi homenageadissimo em Paris—e vítima duma indigestão de discursos sobre a travessia do Atlantico.

Um autentico deboche de eloquencia.

No jantar que lhe foi oferecido pela

imprensa, Byrd teve esta definição magistral:

«—Na raça dos passaros, os papagaios são os que falam melhor e os que voam pior...»

* * *

A volta ao mundo... em oito minutos!

Tal foi a *performace* realizada outro dia, não por um aviador, mas por uma mensagem telegrafica expedida de Columbia (Estados Unidos) por ocasião do congresso jornalístico organizado pela Universidade de Missouri.

Expedido do hall onde se efectuava o banquete de encerramento, a mensagem tinha como texto estas simples palavras:

«A imprensa do mundo inteiro saudava o Missouri.»

Cinco minutos mais tarde, era registado em Shangai, donde voltou ao ponto de partida via Manilha, S. Francisco e Nova York—isto é, após ter rodeado o globo terrestre.

Como *récord*—é famoso.

Os leitores podem tentar uma experiencia de via reduzida—expedindo um telegrama de Lisboa para... Sintra.

* * *

O primeiro automobilista a largar para o circuito da Curia foi o quiosque para a venda dos bilhetes, em cima dum «camion». Naturalmente, para poder fazer uma ideia dos preços que havia de pedir...

Logo a seguir, o Benoliel estabeleceu um esplendido *récord*, correndo atrás do «camion»—a gritar ao *chauffeur* que parasse, por amor de Jeovah.

Até que o quiosque resolveu estabelecer-se em frente da estação do caminho de ferro. Calcula-se que foi para esperar os ministros que chegaram dali a uma hora—embora se não saiba se ficou ali para os cumprimentar, ou se para os cravar...

* * *

A prova automobilista comportava tambem um concurso de charadas—ou o enigma das iniciais das braçadeiras dos representantes do Automovel Club.

Por sua vez, para não andarem desocupados, cada um dos representantes do A. U. P. era portador de uma colecção variegada de bandeirinhas para sinais, de multiplas cores.

Ficaram todos aprovados para guardas de linha em passagens de nivel.

* * *

Conforme o classico das corridas automobilistas, houve varias *pannes*.

Dizem até as más linguas que alguns automoveis concorrentes foram deixando bocadinhos pelo caminho...

Mas a *panne* que causou maior desapontamento publico foi a do *Mercedes*, de Abilio Nunes dos Santos.

Os travões caldearam.

O afamado automobilista caldeou tambem a imaginação e descobriu *in loco* um mirifico aparelho de arrefecimento dos freios. Vai instalar sobre os travões uma especie de funis, gotejando agua fresca. Permittimo-nos aconselhar-lhe, como a melhor—a agua da Curia.

Houve quem estranhasse que Abilio não tivesse concorrido com o *Bugatti*, preferindo-lhe o *Mercedes*. É uma preferencia que se compreende, por se tratar de festas de reconstituição historica.

Para fazer a boca doce ao Matos Sequeira, é que o vencedor do kilometro de arranque correu com um automovel do Seculo XVIII.

* * *

Hanomag teve um grande exito de regularidade.

Enquanto os concorrentes de grande peso eram vitimas de *pannes* de motor, *Hanomag*, com o seu passinho de carocha, girava...

Conclue-se que se trata dum carro sem travões... nem motor...

Rebola-A-Bela.

Querem lunchar bem e ceiar melhor?

Vão á ARGENTINA

Rua 1.º de Dezembro, 75

JORGE, O ELECTRICISTA

OU

O plantador d'encalptos na Jamaica

(Romance d'aventuras antiflas)

Original de M. A. Caco Velho

Capitulo XII

O joven marquês de Petit-Poisvert, que, como já dissemos, contestara o testamento de seu pai, o conde de Poisson Epé, a favor de seus irmãos, Alfonse e Ferdinand, atribuiu-se o direito de determinados bens moveis e alguns automoveis. Reivindicava para si a posse de varios trastes da familia, tais como um guarda-fato, um guarda-chuva, um guarda-joias e o guarda-nocturno, que estava pago até o fim do mês.

A dinamica hibrida do fidalgo não permitia exclusivismos subrepticios e cavilosos, porém, era complicada a solução do problema, porquanto a condessa viuva, retida em lugar desconhecido, não podia apresentar a constatação, nem igualmente seu irmão Ferdinand que, vivendo em Genebra, dali retirara para Wisk and Soda, sendo mais tarde visto em Cognac, em viagem de cideumnavegação.

Capitulo XIII

Mademoiselle Plissé chegou á sua cabana fatigadissima, queixando-se de fortes dores nos rins grelhados e falta d'ar cenico. Jorge, sentando-se numa pedra lascada, tambem se sentia muito estafado, corrido e para ali ficou macambuzio e concha, pensando na mãe d'agua.

A dactilografia via passar pela mente, como num *écran*, a sua mocidade descuidada em casa de seu padrinho e protector de borracha.

Sentindo frio, embrulhou-se num cobertor de papa-assorda e, momentos depois, adormecia profundamente. Jorge, tão absorto estava nos seus pensamentos, que não sentiu a aproximação dum formidavel chimpanzé, que rapidamente applicou a Jorge uma elegante *gravata*, respondendo o electricista com um *bras-roulé*, seguido duma *priso de ventre*. Succederam-se os golpes de luta pela vida, até que Jorge passou uma rasteira ao quadrumano, fazendo-o bater com o craneo numa pedra de sulfato de cobre.

O chimpanzé ficou bastante sensibilizado com aquela manifestação de coragem e estendendo-lhe a mão, que Jorge apertou, ficou sendo seu subdito fiel. Os inimigos reconciliaram-se no campo das cebolas. D'ora avante, o electricista tinha no macaco um amigo e um defensor integral. Jorge, para o distinguir dos seus semelhantes, pôs-lhe o nome de «Romão Gon-

çalves». O chimpanzé, para afirmar o seu reconhecimento, tropou a uma noqueira de brito e colheu alguns frutos, que ofereceu, pretendendo por esta forma justificar o velho aforismo de que ás vezes são mais as nozes do que as voses. Seguidamente, por acenos, conduziu Jorge até uma gruta natural em cimento armado, onde ambos beberam um cálice de licór Romanini, cimentando assim uma amizade que seria eterna.

Capitulo XIV

Miss Cheviot Sleeping-Car, após a conversa que tivera com Mixed Pikles, manifestara ao centenário a sua admiração e um certo desejo de ascender ao alto da montanha, onde existe o *Hotel dos Três Espargos*, propriedade do sr. Alexandre de Almeida.

Mixed, que começava a sentir por Miss Cheviot a inflamação no musculo peitoral, acedeu á sua vontade, encaminhando-se para o electrico da Graça.

A condessa de Poisson Epé, estranhando a ausencia de Mixed Pikles, saiu do hotel em sua procura e quiz o acaso que os seus passos se dirigissem para o Jardim Publico. Chegava ali no momento em que Pikles e Miss Cheviot entravam para o carro. A condessa sentiu uma contração no trapezio e os seus braços baloiçaram no sabor do vento mantua.

—Oh! A ingratição dos homens!—

proferiu a condessa, encostando-se ao banco do Minho.

As suas bem torneadas pernas á D. João VI tremiam-lhe como arame farpado. De subito tomou uma resolução: ir tomar o electrico e invectivá-los, mas o guarda-freio já tinha tomado o manipulo e partia a nove. A condessa, porém, tomou a deliberação de se antecipar. Tomou um taxi e disse:

—Ora toma!

Mas o Destino parecia contrariar a pobre senhora. Uma *panne* immobilizou-a a meio da encosta, junto á igreja de S. Vicente Ferreira. A condessa aproveitou logo e entrou no templo, dirigindo uma supplica a S. Cristovão, advogado dos automoveis. Efectivamente, vinte minutos depois, o carro encetava a marcha pela serra acima.

Uma carroça de pirolitos, tombada, atravancava a estrada de lés a lés, resolvendo a condessa fazer a pé o resto do caminho.

De todos estes precalços resultou que Mixed e a sua dama já ha muito se encontravam a almoçar em gabinete reservado. Pikles, galanteador, recitou a Miss Cheviot uns versos de Camões, quando escreveu o libreto da *Viuva Alegre*, que produziram na donzela uma sensação dulcissima, e, sem saber o que fazia, reclinou a sua galante cabeça de casal sobre o braço ás armas feito de Pikles e beijou-o na boca de incendio.

(Continúa).



Ela: — Permite-me que o siga?
Ele: — Por quem me toma? Eu sou um rapaz honesto...



Ela: — Meu lindo amor!...
Ele: — Sinto-me desalojar... Estou perdido!



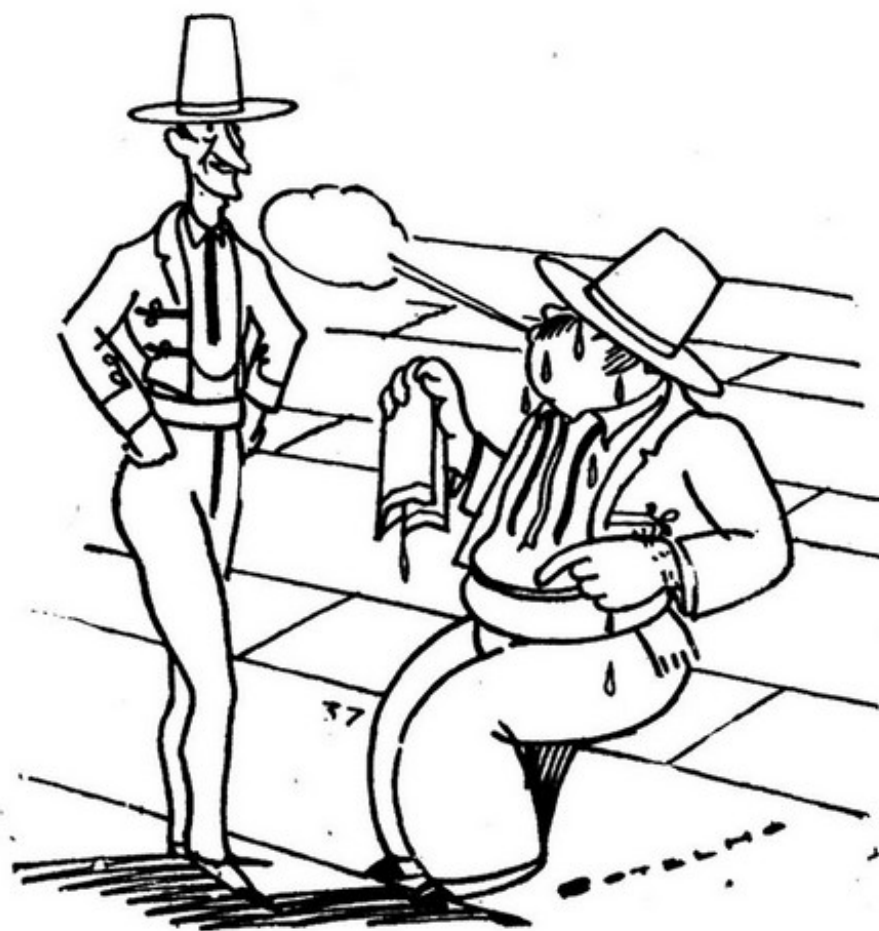
— Porque é que dizes que tens sorte?
— Porque nasci caracol em vez de toiro.



— Alah! Alah! Nem uma gota de água nos dás, Senhor! Parece que estamos em Lisboa.



— Que digo das conferencias que se tocm realizado sobre as que-
das do Douro?
— Que no tengo tiempo ni para «arrojary».



— Estoy «assombrado»!
— Con la muerte de los tíos?
— No! Con la falta de «sombra»...